



Mythological Portraits

LEIDA

26/10 dom 18h00

Mosteiro de Alcobaça · Refeitório

Programa

Mariana Dionísio (1993–)

Mythological Portraits

I. Framing

II. Weaving

III. Figuring

Mariana Dionísio

Pneumathétique

Mariana Dionísio

Suite Caleidoscópica

I. Circundar

II. Refratar

III. Cruzar

Mariana Dionísio

Bacharolle

Mariana Dionísio

Purple Green

Mariana Dionísio

Postlude

Ficha artística

Mariana Dionísio, *composição e direção musical*

Mariana Dionísio, Beatriz Gomes, Beatriz Nunes, Filipa Franco, Nazaré da Silva, João Neves, Hugo Henriques e Henrique Coelho, *intérpretes*

Apoio



Organização



Parceria estratégica



Parceria institucional



Parceiros media



Membro de



Agraciado por



É expressamente proibida a captação de imagens e som durante o espetáculo.
Desligue o telemóvel, desfrute e grave na sua memória.
Poderá rever os melhores momentos no website e nas redes sociais Cistermúsica.

Notas de Programa

LEIDA foi concebida por Mariana Dionísio para funcionar como um instrumento a 8 vozes.

Cada peça é um conjunto de premissas de parametrização e limitação que as tornam, consequentemente, sub-instrumentos.

É nesses sub-instrumentos onde improvisam ou interpretam as peças que escreveu, através da vontade de um gesto que vai chamando objetos num instrumento parametrizado, plástico e emancipado.

O concerto *Mythological Portraits*, inspira-se no movimento literário realismo mágico. De forma tão aberta quanto precisa, a música que apresenta desenha-se num tempo próprio adaptada ao espaço acústico onde é executada, absorvendo e reclamando as suas propriedades e acolhendo a contaminação figurativa das criaturas que se prestam a habitá-la.

Biografias

Mariana Dionísio

Mariana Dionísio, cantora, improvisadora e compositora, tem questionado o papel da voz na tradição musical e explorado o seu potencial técnico, tímbrico e poético, enquanto expressão sonora da palavra. Com formação clássica em piano, pela Escola Artística de Música do Conservatório Nacional (EMCN), e uma licenciatura em Voz Jazz pela Escola Superior de Música de Lisboa (ESML), Mariana movimenta-se em grande parte no panorama experimental, contemporâneo e jazzístico.

Além da composição integral do repertório que apresenta com o seu ensemble vocal LEIDA, tem escrito música em diversos outros contextos (Orquestra Jazz de Matosinhos, para o ensemble Theia; Orquestra Jazz de Setúbal; o desafio Culturgest / Gneration / Canal180, através de *Jogo Cruzado #5*, com Leonor Arnaut; 8.ª edição do programa Jovens Compositores – Estúdios Victor Córdon, documentário *Mãos – Poder, Gesto e Toque*, de Rita Figueiredo).

Tem tido colaborações com artistas de diferentes universos, designadamente Mané Fernandes, João Pereira, Pedro Branco, Ricardo Toscano, João Carlos Pinto, Pedro Melo Alves, João Grilo, Kaja Draksler, Eve Risser, Mark Dresser, Jaap Blonk, Jacqueline Kerrod, Declan Forde, James Banner, Almut Kühne, Carincur, Anabela Duarte, Norberto Lobo, Ricardo Jacinto ou Filipe Trovão.

Entre vários projetos que leva a cabo na atualidade, mantém ativamente uma série de outras colaborações em duo como LUMP, com o trompetista João Almeida, TRACAPANGÃ, com o baterista João Pereira, o projeto REQUIEM, com o guitarrista João Carreiro, ou o duo com a flautista Clara Saleiro. Em outubro de 2025, integrou o espetáculo da companhia Terceira Pessoa, *Dois Dias Para Além do Tempo*, de Óscar Silva, com texto de Miguel Castro Caldas e Ricardo Marques, contracenando com Carla Galvão e Gio Lourenço.

Em dezembro de 2023 recebeu o prémio “Artista Revelação” RTP / Festa do Jazz. Em maio de 2025, foi distinguida na 71.ª edição da Tribuna Internacional de Compositores.

Beatriz Gomes

Vocalista e performer, com formação de base em canto e prática interdisciplinar entre música e teatro, Beatriz Gomes iniciou estudos aos oito anos de idade, no Instituto Gregoriano de Lisboa (flauta de bisel) e concluiu mais tarde o 8.º grau de Canto na Academia de Amadores de Música, sob orientação de Maria João Sousa.

Em 2021, apresentou a prova de aptidão artística “Música de intervenção na atualidade”, estreando um primeiro espetáculo de caráter performativo que articula voz, encenação e narrativa social, além de inaugurar a peça *O Meu Olhar Azul Como o Céu*, de Tiago Derriça.

Desde 2022 frequenta a licenciatura em Canto – variante de Execução – na Escola Superior de Música de Lisboa (ESML), expandindo o trabalho vocal para domínios de criação e performance; no 1.º ano escreveu a peça *3 do avesso*, centrada em dramaturgias de ensemble, e no 2.º ano abriu o espetro estilístico ao jazz, frequentando todas as unidades curriculares do curso (exceto canto), a fim de aprofundar linguagem harmónica, treino rítmico e práticas de improvisação aplicadas à voz.

Integra o Coro Ecce, com participação em projetos como Sefarad (concebido por Filipe Raposo, a pedido de Paulo Lourenço e Ana Proença), a gravação de *Paintingworld* de Carlos Caires e a estreia de *Ode Marítima* de Nuno Côrte-Real, consolidando experiência em repertório coral contemporâneo, processos de gravação e estreias de obra nova.

Beatriz Nunes

Beatriz Nunes é vocalista, compositora e investigadora. Iniciou a sua carreira com o grupo Madredeus, com quem gravou os discos *Essência* (2012) e *Capricho Sentimental* (2015). Em 2018, lançou o seu primeiro disco a solo, *Canto Primeiro*, gravado com o apoio da Fundação GDA.

Apresentou-se na European Jazz Conference 2018, tendo o seu trabalho de estreia sido eleito como o Melhor Lançamento de Jazz em setembro de 2018, no Europe Jazz Media Chart. Em 2021 lançou em trio, com André Rosinha e Paula Sousa, o disco *À Espera do Futuro*, e, em 2023, o disco *Livro de Horas*, com o apoio da DGARTES.

Colaborou em diversos projetos, como The Rite of Trio, In Igma, de Pedro Melo Alves, o quarteto do saxofonista americano Chad LB, o ensemble vocal LEIDA, de Mariana Dionísio.

Licenciada em Música – variante jazz –, e mestre em Ensino de Música pela Escola Superior de Música de Lisboa, é, desde 2021, doutoranda em Etnomusicologia, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Desenvolve investigação sobre questões de género no ensino do jazz no contexto português, com artigos publicados nas revistas *Jazz Research Journal*, *Journal of Jazz Studies* e *The Routledge Companion to Jazz and Gender*. É membro da direção da Rede Portuguesa de Jazz.

Filipa Franco

Filipa Franco, cantora e compositora, começou com aulas de piano clássico aos 12 anos de idade, com Adeline Esteves da Silva. Aos 15 anos, iniciou o seu percurso no jazz, na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas (Hot Clube de Portugal). Em 2018 ingressou na Escola Superior de Música de Lisboa. Licenciou-se em 2021, com nota de 20 valores, no recital final de instrumento. Nesse ano, inicia o mestrado em Música, na mesma instituição.

Durante o percurso escolar, teve a oportunidade de assistir a masterclasses de músicos como David Binney, Joshua Redman, Joe Lovano, Guinga e Sara Serpa. Tem vindo a colaborar com artistas de cariz nacional e internacional, ao longo do seu percurso, e, mais recentemente, assumiu-se como líder no seu projeto intitulado Filipa Franco Quinteto, com repertório original, e cujo disco, *Imagem*, saiu em 2024.

Participou também no mais recente disco do guitarrista português Sérgio Pelágio, *Riff Out* (2022), e *Nova Construção*, de Gonçalo Sousa (2019). Atuou em inúmeros palcos, nomeadamente o Hot Clube de Portugal, Teatro São Luiz, Teatro Camões, Coliseu dos Recreios, entre muitos outros.

Nazaré da Silva

Em 2014, Nazaré da Silva ingressou no curso regular da Escola de Jazz Luiz Villas-Boas (Hot Clube de Portugal), onde estudou Jazz Vocal até 2017, ano em que iniciou a licenciatura em Jazz da Escola Superior de Música de Lisboa.

Gravou os discos *Crime* (João Paulo Esteves da Silva e Samuel Dias, 2017), *Vago Pressentimento Azul por Cima* (canções de João Paulo Esteves da Silva para poemas de Ana Paula Inácio, 2020), *O que Já Importa* (do guitarrista Afonso Pais, 2021), *Lumina* (Pedro Melo Alves' Omniae Large Ensemble, 2021), *Roda das Estações* (Maria Ceia, com arranjos de Luís Cunha, 2022), *Biloba* (da banda Biloba, liderada por Francisco Nogueira, 2022) e *Gingko* (o primeiro disco de Nazaré da Silva Quinteto, com João Almeida, Bernardo Tinoco, Zé Almeida e Samuel Dias, 2021).

Tem também experiência como letrista, nomeadamente no âmbito do disco da Big Band Júnior, e num projeto do contrabaixista Carlos Bica, entre outras colaborações.

Em dezembro de 2021, recebeu o prémio RTP / Festa do Jazz, na categoria de "Músico Revelação". Neste momento, é também professora de voz na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas, EMARTE e JAM.

João Neves

João Neves, depois de formado em Design de Comunicação pela FBAUP, estudou na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas (Hot Clube de Portugal), até ingressar na licenciatura em Jazz da ESML. Em 2016 foi convidado a lecionar na Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal.

Desde então, tem emprestado a voz a diferentes projetos nacionais e internacionais, gravando com Desidério Lázaro (*Subtractive Colors*, 2015), Afonso Pais & Rita Maria (*Além das Horas*, 2016), Luís Figueiredo (*Kronos*, 2017), e, mais recentemente, colaborando também com Luise Volkmann (*Dreams to Come*, 2021), Calum Builder (*Messe [You Are Where You Need To Be]*, 2021) e André Rosinha Trio (*Raiz*, 2025).

Sempre aberto a diferentes formas musicais, integra projetos que fundem música de raiz portuguesa com outras abordagens, desde a improvisação à música contemporânea (Singularlugar, Guarda-Rios, Cantigas de Maio, LEIDA, da ROCHA :: HENCLEEDAY) ou à pop eletrónica (Mocho Gris, duo galaico-português com quem lança o álbum 2, em 2024). Ao longo deste percurso, tem partilhado também o palco com músicos de diferentes universos, como Sérgio Godinho, Amélia Muge, Lena d'Água, Adolfo Luxúria Canibal, e, mais recentemente, com o produtor galego Baiuca.

Em 2020, concluiu o mestrado em Music Performance no Rhythmic Music Conservatory, em Copenhaga, onde teve

formação com duas das suas maiores referências: Meredith Monk e Theo Bleckmann. Desde então, tem vindo a afirmar-se ao assumir, pela primeira vez, todas as fases criativas do seu projeto a solo (jo~ao), desde a composição à produção musical, abraçando a diversidade das suas influências. Em 2022, lança o seu EP de estreia *Myself as Well*.

Como extensão do seu trabalho musical, participa como intérprete em três produções cinematográficas dirigidas por João Botelho (*Peregrinação*, 2017; *Um Filme em Forma de Assim*, 2022) e Tiago Guedes (*A Herdade*, 2019). Mais recentemente, explora também a criação em contexto performativo integrando, em 2023, o espetáculo *ÃO*, uma criação do Teatro Praga, com André e Teodósio e Ana Rita Teodoro, e assumindo, em 2024, a direção vocal do espetáculo do Teatro Nacional Dona Maria II *Quis Saber Quem Sou*, com texto e encenação do seu diretor, Pedro Penim.

Hugo Henriques

Hugo Henriques iniciou os seus estudos musicais no saxofone, aos dez anos de idade, com a professora Rita Nunes e o tutor Eurico Carrapatoso, no Conservatório Nacional, onde mais tarde completou o ensino secundário já em Canto, sob a alçada de Filomena Amaro.

Passou também pelo Hot Clube de Portugal integrado na Big Band Júnior, dirigida pelo maestro e trombonista Claus Nymark, e mais tarde pela Escola Superior de Música de Lisboa, onde prosseguiu os estudos musicais. Marcou presença em inúmeras masterclasses com músicos como Ed Partyka, Nick Smart, Paulo Gaspar, entre outros.

Terminou os estudos em 2020, na Escola Superior de Música de Lisboa, onde estudou Tecnologias da Música e Jazz.

Como técnico de som, tem gravado música de câmara, música contemporânea e jazz, com as mais diversas formações, nomeadamente o disco do Trio Adamastor, vencedor do Prémio Jovens Músicos 2018, na categoria Música de Câmara, Nível Superior, em parceria com Mário Marques, da Universidade de Évora.

Desde 2020 que integra a equipa da DMix Collective, em Lisboa, onde desempenha funções de técnico de som nas vertentes de Cinema, Televisão e Publicidade.

Henrique Coelho

Henrique Coelho é cantor e professor. Com uma sólida formação musical, estudou no Conservatório Regional do Baixo Alentejo, até ao 8.º grau, e concluiu a licenciatura em Direção Coral e Formação Musical, na Escola Superior de Música de Lisboa.

Atualmente, integra o Coro Gulbenkian, no qual ingressou em 2023. Em paralelo, colabora com o projeto da Capella de São Vicente, onde desempenha funções como professor e cantor. É também membro fundador do Coro Alto.

Ao longo da sua trajetória, participou em diversos grupos de referência, incluindo o Officium Ensemble, Nova Era Vocal Ensemble e Coro Ricercare, entre outros.

Tem experiência na área do canto, direção coral e pedagogia musical, desenvolvendo o seu trabalho tanto na vertente artística como no ensino.

Consulte a programação em www.cisttermusica.com